

## ECOS ITALIANOS NA POESIA DO ABADE DE JAZENTE

FRANCISCO TOPA

Universidade do Porto

ftopa@letras.up.pt

Não é objectivo desta breve comunicação detectar a influência de poetas italianos sobre Paulino António Cabral (1719-1789), uma figura complexa e interessante do setecentismo literário português mas que tem sido pouco valorizada e cuja obra está mal editada e insuficientemente estudada. O meu propósito é mais modesto: trata-se apenas de elencar as referências italianas presentes nos seus versos, o que permitirá também chamar a atenção para um aspecto muitas vezes esquecido da renovação cultural que, sob o signo das Luzes, decorreu no Norte do país, concretamente em Braga, sob a orientação do arcebispo local, D. Gaspar de Bragança.

Aberto à influência das Luzes e do neoclassicismo mas deleitando-se ainda com o ludismo e com uma certa exuberância barrocas, o Abade de Jazente é um homem do seu tempo, alterando entre tons e registos variados, familiares e políticos, joviais e graves, baixos e altos.

Observador atento dos costumes, Paulino Cabral foi um crítico implacável das transformações, denunciando a influência francesa na língua e nos comportamentos. Mas há pelo menos um caso em que a decadência dos modos — neste caso traduzida na banalização de certas fórmulas de trata-

mento — tem como origem a Itália. Trata-se de um soneto inédito<sup>1</sup>, que figura no fo. [105r] do Ms. 679A da Biblioteca Pública Municipal do Porto<sup>2</sup>:

A nobre *Senhoria*, que tão rara  
Era algum tempo, hoje na nossa idade  
A traga um Guardião, a lambe um Frade  
E a chupa um Confessor de Santa Clara.

O Ministro mais sério já repara  
Na falta desta nova urbanidade;  
O Letrado a quer ter de propriedade  
E o 'Scrivão já com ele se compara.

Ela se faz enfim tanto patente  
Que é já como a *Mervê* pela frequência  
Este que a Itália nos mandou presente;

E passa a coisa a tanta decadência  
Que até chega a tratar honrada gente  
À filha de um Tendeiro de *Excelência*.

O teatro é outro aspecto da presença da cultura italiana em Portugal que é possível perceber da leitura da obra do Abade de Jazente. No I volu-

---

<sup>1</sup> De que dei conta em *Para uma Reedição Completa da Obra de Dois Poetas Setecentistas Esquecidos: Paulino António Cabral e Teodoro de Sá Continho: Inventário das fontes testemunhais dos seus poemas*, Porto, Edição do Autor, 1998.

<sup>2</sup> A edição que aqui apresento obedece às normas que tenho vindo a seguir para a publicação de textos deste período. Vd., por exemplo, *Poesia Inédita de Luís António Verneí*, Porto, Edição do Autor, 2001, pp. 57-64.

me das suas *Poesias*<sup>3</sup>, há dois sonetos que se referem a um *brinquedo* que teve lugar em Amarante, no qual foram representadas duas peças de Goldoni. Vejamos o primeiro, que figura na p. 221 e que transcrevo sem actualização do texto:

SONETO.

Em quanto tu, gentil Peixoto, attênto  
Mais do theatro ás leis, que ás da vontade,  
Imitáste de Honória a falsidade,  
Os crimes, o furor, e o fingimênto:

Em quanto das paixoens o movimênto  
Expressaste com tanta propriedáde,  
Que apezar do teu génio era a crueldáde,  
Quem dava á tua acção o fundamento:

Em quanto em fim de mil Expectadôres  
Lograste com completa segurança  
O merecido premio dos louvôres:

Eu pasmava de vér-te sem mudança  
Fazer bello o carácter dos rigôres;  
E até fazer formoso o da vingança.

---

*Em hum brinquedo particular que se fez em Amarante, representando  
Antonio Peixoto Pereira na tragedia de Belizario.*

---

<sup>3</sup> *Poesias de Paulino Cabral de Vasconcellos, Abbade de Jazente*, Porto, Officina de Antonio Alvarez Ribeiro, 1786.

Não é possível perceber que versão terá sido usado na representação a que se refere Paulino António Cabral. A caracterização da personagem Honória permite contudo supor que se trate de uma das edições de *Capitão Belisário*, mais adaptação que tradução da *Belisario* de Goldoni, representada pela primeira vez em 1734, em Veneza, com grande sucesso de público. Das versões portuguesas impressas, a mais antiga parece ser a que Inocêncio Francisco da Silva<sup>4</sup> atribui ao dramaturgo (autor, tradutor/adaptador, encenador) Nicolau Luís da Silva (1723-1787): intitulada *Capitão Belisario*, foi dada ao prelo em 1781 na Officina de Francisco Sabino dos Sanctos. A referência colhida na obra do Abade de Jazente constitui assim mais um pequeno elemento revelador da popularidade do teatro de Goldoni no Portugal de Setecentos, juntando-se aos dados carreados por investigadores como Giuseppe Carlo Rossi<sup>5</sup>, José da Costa Miranda<sup>6</sup> ou, mais recentemente, Maria Noémia Ferreira Pires<sup>7</sup>.

O segundo soneto figura na página seguinte do I volume das *Poesias* do autor e alude à representação de *La Bella Selvaggia*:

---

<sup>4</sup> *Diccionario Bibliographico Portuguez*, vol. VI, Lisboa, Imprensa Nacional, 1862, p. 277.

<sup>5</sup> Vd. “Il Goldoni nel Portogallo del Settecento (Documenti inediti)”, in *Annali dell'Istituto Universitario Orientale (Sezione Romanza)*, Vol. IX, Fasc. 2, giugno 1967, Napoli, pp. 243-273; “Per una storia del teatro italiano del Settecento (Goldoni) in Portogallo”, in *Studi Goldoniani*, n.º 2, Venezia, 1970, pp. 49-89; *A Literatura Italiana e as Literaturas de Língua Portuguesa*, trad. de Giuseppe Mea, Porto, Livraria Telos, 1973 (sobretudo pp. 106-142).

<sup>6</sup> *O Teatro de Goldoni em Portugal (Século XVIII): subsídios para o seu estudo*, Coimbra, 1974 (Sep. da “Revista de História Literária de Portugal”, vol. IV).

<sup>7</sup> *Teatro e Mundo em Tradução: Goldoni e a comédia em Portugal (1750-1775)* — *Estudo de caso*, dissertação de Mestrado em Literaturas e Poéticas Comparadas; Évora, Universidade de Évora, 2003.

SONETO.

As acções virtuosas de Delmíra,  
Discreto Magalhães, tão bem figúras,  
Que até na imitação das desventúras  
Só de te ouvir o coração suspira.

Ou seja a Arte, ou seja, que te inspira  
O genio natural, tu nos procúras  
Movêr em nós as atencoes mais púras,  
Cada vez que o theatro a scêna víra.

Mas seja o douto estudo, o que te erúde;  
Ou seja tão sómente a naturêza;  
Dizer qual mais te amestra eu nunca púde.

Só sei que representas com destrêza;  
Pois tens no peito o ensaio da virtúde,  
E no proprio semblante a gentilêza.

---

*No mesmo brinquedo, representando José de Magalhães e Meneses na Comedia da Bella Salvagem.*

Levada à cena pela primeira vez em 1758, no Carnaval de Veneza, esta tragicomédia de Goldoni depressa chegaria a Portugal, aqui obtendo grande sucesso. De acordo com o estudo de José Mascarenhas<sup>8</sup>, a primeira tradução — em versão manuscrita depositada na Real Mesa Censória — surge cinco

---

<sup>8</sup> “*La Bella Selvaggia*” de Carlo Goldoni na versão setecentista de Nicolau Luiz da Silva, Lisboa, Edições Colibri, 2003, p. 115 ss.

anos depois, em 1763, ao passo que a primeira versão impressa, sem indicação de autoria mas atribuída ao já referido dramaturgo Nicolau Luís, data de 1778. O poema de Paulino Cabral, mesmo não tendo elementos que permitam datar o *brinquedo* ou identificar a versão em que se terá baseado, representa um indicador que confirma a popularidade de Goldoni no Portugal da época, mesmo numa zona periférica como Amarante. Além disso, chama a atenção para um terreno que não tem sido contemplado nos estudos de recepção: as representações particulares.

Para além destas duas, parece haver pelo menos mais uma alusão a uma peça de autor italiano: trata-se de *Gioas Re di Giuda*, escrita por Metastasio em 1735. A referência ocorre no contexto de uma carta que combina prosa e verso, incluída no volume II das *Poesias* do Abade de Jazente:

Esta já vai sendo grande; mas ao menos deverti parte da  
melancolia, *che mi piomba su'l core*.<sup>9</sup>

Não sendo talvez exclusiva de Metastasio, a expressão “che mi piomba su'l core” é proferida por Atalia na segunda parte do referido texto: “Freddo gelo mi piomba sul cor”. Na ausência de dados precisos sobre a cultura literária e teatral do Abade de Jazente e na falta de indicadores mais precisos sobre a presença em Portugal deste texto de Metastasio, não é possível validar com segurança absoluta a hipótese de proveniência da citação. De qualquer modo, a probabilidade parece ser reforçada pela circunstância de a peça em causa, não sendo das mais populares do autor romano, ter tido até uma edição italiana em Portugal: *Il Gioas re di Giuda*. Sacro componimento drama-

---

<sup>9</sup> *Poesias de Paulino Cabral de Vasconcellos, Abbade de Jazente*, Tom. II, Porto, Officina de Antonio Alvarez Ribeiro, 1787, p. 192. A carta ocupa as pp. 186-194.

tico per musica, [Lisbona], Nella Stamperia Reale, 1778. De acordo com a informação contida na folha de rosto,

Da cantarsi in camera alla presenza della Real Fedelissima  
Maestà l'Augustissima Signora D. Maria I. Regina di Porto-  
gallo degli Algarvi, &c. li 31. Marzo 1778. Felicissimo giorno  
natalizio di sua Real Fedelissima Maestà l'Augustissima Signo-  
ra D. Marianna Vittoria Regina Madre.

Para terminar este levantamento dos ecos italianos presentes na obra de Paulino Cabral falta mencionar o músico italiano Antonio Maria Placido Galassi, mestre de capela na Sé de Braga. O Abade de Jazente dedica-lhe dois sonetos — ambos inéditos —, incluídos no grande número de poemas de cariz circunstancial dirigidos ao arcebispo D. Gaspar de Bragança ou a figuras que lhe são próximas.

D. Gaspar de Bragança (1716-1789) foi nomeado para o arcebispado de Braga a 23 de Agosto de 1756, sendo o decreto real confirmado pela bula papal de 13 de Março de 1758. Sagrado a 25 de Julho desse ano na capela de Palhavã, faria a sua entrada em Braga a 28 de Outubro do ano seguinte. Filho natural de D. João V, tinha sido educado no Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra e no convento de S. Vicente de Fora, em Lisboa, obtendo assim uma sólida formação literária e cultural que faria dele um príncipe e prelado ilustrado e um mecenas das artes e da cultura. Dando continuidade ao trabalho de renovação da Sé Catedral, introduziu alterações no domínio da liturgia e do canto litúrgico, procurando aproximar a prática bracarense do cerimonial praticado na capela da Corte e na Igreja da Patriarcal de Lisboa. É

neste contexto que, de acordo com Manuel Lopes Simões<sup>10</sup>, ocorre a contratação, em 1779, do italiano Antonio Galassi como mestre de capela.

Natural de Bolonha, Galassi teria permanecido durante algum tempo em Espanha antes de vir para Portugal, estando já a residir no Porto em Abril de 1778<sup>11</sup>. Foi para Braga precedido da fama de ser um dos melhores músicos que trabalhavam em Portugal e de ter estudado com os melhores mestres da Europa. Mantendo-se no cargo de mestre de capela até ao final de 1792 ou início do ano seguinte — altura em que, segundo Manuel Lopes Simões, se ausenta de Portugal de forma inesperada —, Galassi desempenhou um importante papel na reforma da capela musical e do repositório por ela executado. De acordo com o estudioso que venho seguindo, há um número considerável de composições suas cobrindo vários géneros de música religiosa, sobretudo no repertório específico da Semana Santa e do Natal. Além disso, segundo pude verificar, há várias obras suas no *Jornal de Modinhas*, publicado por Pedro Anselmo Marchal e Francisco Domingos Milcent entre 1792 e 1796.

O primeiro dos dois sonetos que Paulino Cabral lhe dedica parece ser motivado por algum acontecimento funesto na vida do músico e tem a particularidade de incluir uma ária em italiano, caso único na obra do Abade de Jazente. Figura no fo. [49v] do já referido Ms. 679A da Biblioteca Pública Municipal do Porto:

A António Gallassi, Italiano, Mestre da Capela de  
Braga

---

<sup>10</sup> *A Capela Musical da Sé de Braga no Arcebispado de D. Gaspar de Bragança (1758-1789)*, dissertação de Mestrado em Ciências Musicais; Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 1992.

<sup>11</sup> Manuel Lopes Simões, *ibidem*, p. 75.

Ahl, não entregues, não, o pensamento,  
Destro Gallassi, à pálida tristeza,  
Pois não tens que sentir, tendo a certeza  
De qu'ê notório o teu merecimento.

5 Tens vivido com honra e tanto atento  
Das suas leis à rígida tristeza  
Qu'inda o mesmo atractivo da riqueza  
Soubeste desprezar com nobre alento.

Se vives pois de todos estimado,  
10 Sossega o coração e logra agora  
As esperanças do teu novo estado;

Serás nele feliz; mas lança fora  
Da ideia o teu pesar, qu'um peito honrado  
Se mostra fraco quando triste chora.

15 Sia l'amore, sia la sorte  
Chi percossi un nobil petto,  
Non gl'impiega alcun defteto  
S'è defeso dall'onor.

Non si /\*lascia/ un'alma forte  
20 /\*Aggravar'/, quando valente;  
Fiss'il sguardo e alza la fronte  
Senza macchia né rossor.

---

17. alcun] o cum

O segundo poema vem no fo. [58r] do mesmo manuscrito, cumprimentando o destinatário pelo acesso a uma das ordens menores:

Recebendo Ordens de Epístola António Gallassi, Mestre  
da Capela da Santa Sé Primaz

Não, prudente Gallassi, o novo Estado  
Que t'enleia do Templo à Santidade,  
Objecto a ninguém foi de novidade,  
Pois o tinhas há muito antecipado.

Mais que no canto às aras consagrado,  
Mostravas nos costumes ser verdade  
Que do teu proceder a integridade  
Te tinha ao sacro emprego aparelhado.

Não, não suponhas pois {que} a melhoria,  
Que agrada a tanta gente e a tanta erude,  
Ter servido para as Ordens de valia;

Porque enfim reconhece, inda o mais rude,  
Que o Príncipe<sup>1</sup>, não só pela harmonia,  
Mas que atende mais pela Virtude.

---

<sup>1</sup> O Sereníssimo Senhor D. Gaspar, Arcebispo de Braga.

Chega assim ao fim este olhar de relance sobre a obra de um poeta que continua a reclamar uma edição de conjunto e uma leitura mais demorada que possa ajudar a recolocá-lo na posição de destaque que merece na literatura portuguesa de Setecentos.